

Chico Buarque. *Leite derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. 200 p.

A FERIDA DA MEMÓRIA

“Eulálio Montenegro d’Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo.” Essa informação aparentemente neutra, protocolar, não consegue ocultar a real dimensão do sujeito em questão. Se não, vejamos: um prenome relativamente difundido entre as classes abastadas de outrora, dois sobrenomes – sendo um deles, o Assumpção com “p” mudo, altamente distintivo de um determinado estrato social –, o ano de nascimento na já longínqua *Belle Époque* tropical. Nem é preciso recorrer a maiores ilações para se perceber a suposta nobreza de tal personagem. Tampouco o ar empoeirado, anacrônico e evocativo de todo o universo sociocultural de um Brasil cuja capital era o Rio de Janeiro tinindo de novo graças às reformas urbanísticas empreendidas pelo prefeito Pereira Passos.

É a esse personagem, espécie de Aleph que encerra em si toda uma narrativa de ascensão e queda do patriciado brasileiro, que Chico Buarque dá voz (ainda que em um timbre que põe o desconfiado leitor de orelha em pé) em *Leite Derramado*, sua mais recente incursão na prosa de ficção. Velho e decrépito em um leito de hospital, alternando memórias e alucinações provocadas pela medicação, Eulálio – uma das mais soberbas e ao mesmo tempo problemáticas criações da recente safra ficcional verde-amarela – desfia um rosário de histórias, causos e anedotas. O nascimento no seio de uma família ligada, por negócios, conveniências e política, ao poder central. O casamento, a sexualidade e uma paixão que o fere sem cessar. A previsível decadência ao longo do século XX de uma elite pré-capitalista e afrancesada. E por fim, a insatisfação com os rumos da sociedade brasileira, em que imigrantes, negros e figuras egressas dos negócios e da livre-iniciativa injetam vitalidade (e sobretudo diferença) no País.

Tudo isso é narrado pelo próprio Eulálio, às vezes de forma rebarbativa, graças aos caprichos da memória, e temperado em diversas oca-

siões com vocabulário, personagens e signos de uma época já desaparecida, para a filha e as enfermeiras que o assistem no hospital. Áspero, por vezes sardônico, quase sempre melancólico e tomado de remorsos, o personagem traz à baila uma história exemplar de decadência. Não importa que o País em que ele atravessou boa parte da infância e da vida adulta já tenha sido soterrado por inúmeras circunstâncias alheias à sua vontade. É sua própria biografia (ou seja: a história de seu malogro) que se confunde com a narrativa do Brasil dos últimos séculos. Num procedimento exemplar que parece trazer ecos de *Respiração Artificial*, do argentino Ricardo Piglia, Chico Buarque identifica no corpo e na narrativa de Eulálio a própria forma narrativa da história do Brasil. É nessa similaridade profunda e altamente metafórica entre o corpo e a nação que o romance ganha relevo e consegue escapar do círculo-de-giz que alguns leitores qualificados e resenhistas traçaram para a leitura de *Leite Derramado*.

Sim, porque desde o aparecimento do romance, no primeiro semestre de 2009, não foram poucos os que insistiram em ver traços machadianos na obra. De certa forma, era inevitável, pois pertence por mérito a Machado de Assis esse universo de narradores/personagens que, sendo filhos derrotados de uma elite mais ou menos esclarecida, contam suas peripécias e desventuras. Alguns traços estilísticos também trouxeram essa aproximação com o autor de *Dom Casmurro*. Penso, contudo, que se há um antecessor brasileiro para *Leite Derramado*, este seria um livro hoje relativamente desconhecido pelo grosso dos leitores cultos e que também dá voz a um filho da elite em um estilo igualmente olímpico: *Minha Formação*, de Joaquim Nabuco. De certa forma, o romance de Chico Buarque é uma atualização altamente derrisória, com sinais trocados para o fracasso, da obra de Nabuco, um memorialista altamente seletivo.

Pois é com a própria memória, essa “vasta ferida” (p. 10), que Eulálio se engalfinha. Tendo vivido tanto, e atravessado por não poucas mudanças ao longo de sua biografia, acaba por construir uma relação problemática com o próprio ato de lembrar. Não estamos mais aqui nos domínios nabokovianos (que intitulou sua autobiografia de *Speak, Memory*), mas em terreno muito mais minado. “Para o passado, tenho um salão cada vez mais espaçoso” (p. 14), diz Eulálio, que, a despeito de dispor de tantas memórias (não importando mais se reais ou imaginadas), parece encontrar uma satisfação de fundo masoquista nesse intenso desfile de eventos do passado: “A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas.” (p. 41).

É por meio dessas pistas, jogadas aqui e em outros momentos da narrativa, que o autor consegue preencher seu personagem com estofamento humano. Não fosse por essa tomada de posição crítica diante da memória, *Leite Derramado* correria o risco de ser lido como um artefato natimorto, uma crônica melancólica e patética engendrada por um narrador ainda hoje sem consciência da ruptura definitiva que seu mundo sofreu. Eulálio, apesar do tom carregado quando percebe que nada mais sobrou – nem casas, posses, a dignidade, o seu Rio de Janeiro –, proclama, entre irônico e furioso:

Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se porventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. (50)

O travo amargo e muitas vezes debochado confere ao romance muito de sua potência e interesse. Pois desde *Estorvo* (1991) que Chico Buarque – um dos cancionistas mais importantes da história de nossa música popular – ocupa um papel especial na literatura contemporânea brasileira. Cada publicação de uma nova obra sua é, sem sombra de dúvida, um evento. Evento cultural (volta-se ao debate sobre em que medida o Chico romancista tem um talhe bem diferente do compositor) e mercadológico (os livros são precedidos de uma pletora de anúncios comerciais e resenhas laudatórias). São fatos extraliterários, claro, que devem ser levados em conta por aqueles que trabalham com estudos culturais etc. Mas que revelam, em um país com ainda baixos índices de leitura, os apelos despertados por uma figura de tamanha estatura midiática. Que ele siga escrevendo ficção de qualidade, e não se contentando em apostar no êxito fácil – coisa que aconteceria se ele transformasse em prosa de ficção, digamos, uma canção como “O meu guri” –, já é prova suficiente da inquietação desse autor.

Leandro Sarmatz

Mestre em Teoria Literária pela PUCRS,
autor dos livros *Mães & Sogra*s (IEL)
e *Logocasto* (Casa da Palavra).
Em 2010 a Editora Record irá publicar
suas ficções em *Uma Fome*.